

## SOU UM HOMEM DE VAGINA, E DAÍ?

### *Eixo Temático 27 – O Corpo e os Efeitos das Práticas Para Além dos Órgãos*

Kenia Almeida Nunes<sup>1</sup>

#### RESUMO

Em entrevista semiestruturada com um dos integrantes do IBRAT – RN/Brasil pude conhecer uma prática que subverte as dicotomias impostas pela relação natureza e cultura. O objetivo deste trabalho é refletir sobre as identidades de gênero não estarem localizadas nas genitálias, isto é, um homem pode sim ter vagina. Nesse sentido, podemos perceber o deslocamento da normalidade corporal que é exigida pela sociedade por meio de um corpo apropriado para o exercício de um gênero. O trans-homem entrevistado não se percebe como sujeito que nasceu em corpo errado, ao contrário, em sua fala há a recorrência que nasceu no corpo mais que certo e que não o modificará para se adequar a heteronormatividade.

**Palavras-chave:** Corpos; Transmasculinidade; Subversão.

#### INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma entrevista realizada com Dudu<sup>2</sup>, um homem trans, em junho de 2015. O diálogo com Dudu não tinha um caráter puramente acadêmico, pelo menos não em um primeiro momento. O conheci em uma mesa redonda, da qual fomos os palestrantes. E em minha fala sobre uma possível pedagogia *queer* esbocei meus anseios em torno da perversidade da heteronormatividade, a qual sempre busca lugares definidos para os atores sociais, lugares estes fundamentados na construção de um corpo/genitália para um gênero cultural. Afirmei, que as subversões existem em todos os patamares, que o fato de uma mulher ser uma palestrante, uma mulher não se assumir como sujeito frágil dentre outras mudanças, já era em si subversões, mas que havia outras mais fortes e que rompiam com toda essa perversidade heteronormativa, como o fato de

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela UFRN e professora de Sociologia do IFBA, keniaanunes@hotmail.com;

<sup>2</sup> Dudu é um pseudônimo.

uma mulher poder ter pênis e um homem poder ter vagina e, mesmo assim se assumir enquanto homem e mulher. Foi nesse momento que enxerguei, não em minha fala, mas na fala/prática de Dudu, o ato subversivo. A natureza sendo cultura. A cultura sendo processos fluidos. E a identidade se construindo por meio de experiências. Dudu, um homem trans, assume a identidade masculina por meio de roupas, gestos, testosterona. E diz: “Eu não nasci em um corpo errado, pelo contrário, nasci no corpo mais que certo”.

Nesse momento, percebi que o meu colega de mesa redonda era a prática da minha fala teórica. Foi nesse espaço de troca que decidi conversar para entender quem era aquela pessoa. Mantive e mantenho contato com Dudu, pois ele se transformou em um amigo, e foi nessas andanças que marquei uma entrevista, que mais se parece com uma conversa.

O texto que se segue trará as discussões acerca da construção do dispositivo da transexualidade, assim como as falas da entrevista realizada com Dudu. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o deslocamento existente entre genitália e gênero, trazendo a experiência de um trans homem que mantém sua genitália, dita feminina, mas que se afirma como homem, evidenciando que a identidade de gênero não se localiza na genitália.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao longo da história ocidental hegemônica, temos investimentos de cunho religioso, judiciário, médico, psiquiátrico, pedagógico, dentre outros, que objetivavam e objetivam a produção dos gêneros dos sujeitos sociais com base na genitália que carregam em seus corpos. Uma verdade que até os dias atuais vive. Mediante tal ideia, há sempre um marcador natural para o exercício do gênero, de modo que há sempre características essenciais nos indivíduos que os distinguem socialmente. Nessa perspectiva, nas culturas ditas modernas e ocidentais,

[...] o corpo é sempre interpretado como um significante tão importante da identidade que alguém com genitália feminina nunca é imaginado como alguém que possa algum dia ocupar legitimamente o papel de “marido” enquanto em muitas sociedades africanas essa limitação não existe. (NICHOLSON, 2000, p. 22).

A partir da citação acima, percebemos que o gênero é uma construção social, cultural, política, econômica que depende do tempo e do espaço em que os atores sociais se encontram inseridos. Assim sendo, o exercício de gênero não é a mesma coisa em todos os lugares. Não há uma universalidade, pois não há também uma essência que universalize tal premissa.

Nesse contexto, entende-se que o gênero é da ordem da visibilidade, do que se carrega socialmente e culturalmente para designar se um indivíduo é homem ou mulher, ou seja, as roupas, a indumentária, os gestos, o andar, a maquiagem, a barba, o batom, o cabelo, dentro outros é o que fornece inteligibilidade de ser homem ou mulher. Nesse sentido percebemos que há deslocamento entre sexo e gênero, o que nos permite entender que o sexo sempre foi gênero, pois quando se fala sobre o corpo como *locus* onde se inscreve o gênero, nessas palavras já estão imbuídos uma série de discursos formados para classificar algo na anatomia dos corpos, que diferenciará o masculino do feminino. Destarte, o gênero não é consequência do sexo que se carrega socialmente como fonte de uma natureza dos corpos. Afinal, não se nasce homem ou mulher, nos tornamos homem ou mulher nos processos históricos, sociais e culturais (BEAUVOIR, 1980). Sendo assim, a diferenciação anatômica é uma construção social e cultural e, assim como qualquer outra construção, tem suas aspirações e efeitos sobre àqueles a quem se incidem.

Segundo Butler (2003), o sexo é tão construído quanto o gênero,

[...] o próprio gênero se torna artifício flutuante, como consequência de que homem e masculino podem com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um corpo masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo, masculino como um feminino. (BUTLER, 2003, p. 24).

Os corpos dos indivíduos estão situados dentro de um campo discursivo, onde a palavra reinante é a heteronormatividade, por isso já se sabe o que esperar de alguém que estar por vir ou que apenas existe no pensamento. Afinal, o indivíduo é apresentado ao mundo mesmo antes de existir, apenas quando se é uma promessa. Isso é fruto de uma estrutura cultural que existe para além do sujeito, pois é anterior a ele, mas não superior, ou seja, é modificável, dependendo da atuação do sujeito perante as estruturas sociais.

É diante dessas perspectivas que a transexualidade se insere, como uma desnaturalização e uma dessencialização do gênero, por meio da percepção que uma genitália não confere sentido de identidade de gênero. Identidade no sentido que Stuart

Hall (2000) elabora, como sendo identificações e atuações que os sujeitos sociais desenvolvem ao longo da vida.

A transexualidade, enquanto dispositivo, ou seja, como construção dos saberes endocrinológicos e psiquiátricos, tem uma história recente, pois data do século XX. Beatriz Preciado (2008) elabora uma história desse século denominado de era farmacopornográfica, que diz respeito ao controle dos corpos e das subjetividades com base em substâncias químicas manipuláveis. É nessa era que a transexualidade emerge como doença a ser curada e posteriormente se mantém como transtorno de gênero. Um transtorno que para ser curado é necessário da adequação da genitália e dos hormônios ao gênero que se quer desempenhar socialmente.

Sobre a era farmacopornográfica Preciado afirma,

Pensemos simplemente que el período que va desde el final de Primera Guerra Mundial a la guerra fría constituye un momento sin precedente de visibilidad de las mujeres en el espacio público, así como de emergencia de formas visibles y politizadas de la homosexualidad en lugares tan insospechados como, por ejemplo, el ejército americano. (PRECIADO, 2008, p. 27).

Desde a Primeira Grande Guerra Mundial o mundo vive uma era de medicalização da sociedade ou, como chama Beatriz Preciado, uma era farmacopornografia. Nesse espaço de mais de um século, até a contemporaneidade, há uma série de desdobramentos importantes no ramo da medicina, no que diz respeito às performances de gênero e sexuais. Nesse contexto, temos as primeiras cirurgias de transgenitalização<sup>3</sup>, em 1960 a anticoncepcional chega ao mercado, Hugh Hefner cria a *Playboy*, em 1966 surgem os primeiros antidepressivos, 1973 a homossexualidade saiu da lista de doenças mentais, em 1983 a transexualidade é incluída na lista de doenças mentais, em 1988 o Viagra é descoberto para tratar a disfunção erétil. É durante o século XX que há a materialização da farmacopornografia por meio do intercâmbio das multinacionais farmacêuticas.

Nas sociedades Ocidentais esse sistema produz um tecnocorpo e um tecnogênero, a partir de consumos de remédios e imagens. Essa sociedade farmacopornográfica é caracterizada tanto pelas tecnologias de produção do corpo e de subjetividades, como de tecnologias de representação e, conseqüentemente, de produção também dessas

---

<sup>3</sup> Em 1958 na Rússia há a primeira cirurgia de transgenitalização, uma faloplastia. Processo de mudança de mulher para homem.

subjetividades, como a televisão, o cinema, a fotografia, a *internet*, dentre outros. Passando, desse modo, a fazer parte do corpo, ou seja, os dispositivos (testosterona, silicone, pílulas de emagrecimento, entre outras) de controle desse novo sistema se converte em corpo (PRECIADO, 2008).

Os órgãos sexuais que denominam os gêneros são significações forjadas de acordo com os contextos sociais/culturais/históricos/políticos. São produtos de tecnologias discursivas que delimitam os sujeitos de acordo com os órgãos com os quais se nasce, por isso são vistos como puramente naturais. Implicando sobre cada indivíduo uma marca que o torna visível perante a cultura e, notoriamente, excluindo o que lhe é diferente ou o que se coloca como diferente. Há todo um imaginário por trás de cada palavra dita. Quando se fala em vagina, invariavelmente já temos uma gama de representações e características para o sujeito que porta tal órgão. Na mesma medida se é para o significativo falo. As experiências de gênero e sexuais são dadas na medida em que se traz uma ou outra genitália.

A partir desse percurso histórico temos a transexualidade como algo a ser corrigido mediante a utilização de hormônios e de cirurgias de adequações de gênero. Partindo dessa premissa, os sujeitos que nascem com genitália ditas feminina e querem ser homens, trans homens, devem passar por um processo hormonal e cirúrgico para ficar adequado com a realidade de gênero, nesse caso, ser homem é ter pênis, embora não seja necessário que alguém mostre o seu órgão genital para entendermos que ele seja homem ou mulher. Nesse sentido, um homem pode ter vagina e uma mulher pode ter pênis, pois o gênero não é genital e sim social, cultural, político. São as roupas, os gestos, os cabelos que fazem os sujeitos sociais homens e mulheres.

É por meio dos estudos *queer* que há uma desnaturalização e uma dessencialização do corpo-sexuado, do gênero e da sexualidade, onde são expressos como produtos sociais. Esses são coisificados como naturais pelos discursos médicos, psiquiátricos, religiosos os quais empreendem um esquadrinhamento dos sujeitos e das suas subjetividades. Percebe-se o quanto corpo, gênero e a sexualidade estão funcionando dentro de uma lógica binária heterossexual, onde todos se produzem e emergem mediante uma dependência.

Embora a história ocidental moderna se construa por meio de histórias de sujeitos hegemônicos, hoje, com a teoria *queer*, temos a possibilidade de fornecer voz as práticas

de indivíduos que foram silenciados por essa história predominante. E é dessa possibilidade que este trabalho emerge. Como força política e subversiva.

Nesse contexto, trago a voz de um desses sujeitos subversivos. Dudu faz parte de um grupo chamado IBRAT – RN (Instituto de desenvolvimento e monitoramento de pesquisas e discussões sobre transmasculinidades). O grupo conta com 18 homens trans. O objetivo desse grupo é a inclusão social dos homens trans fazendo uso de espaços de discussão acerca da transmasculinidade, pois há pessoas que não sabem da existência da transexualidade como questão identitária e ficam “perdidos” sem entender a si. Muitos começam achando que são *gays*, pois querem assumir uma postura mais ligada ao que dito do homem. Isso se deve ao fato de existir na sociedade ocidental moderna a percepção de que ser *gay* é querer assumir o papel de gênero que lhe é oposto.

É necessário, pois, entender que sexualidade e gênero são duas construções sociais, mas não são a mesma coisa e não depende uma da outra. Partindo desse entendimento, o IBRAT – RN conduz momentos de discussões sobre o que é a transmasculinidade, além de criar uma rede de relações a nível nacional para se discutir a transexualidade.

Nem todos que fazem parte do IBRAT – RN modificaram o nome em seu Registro Geral (RG), pois é uma questão que demanda tempo e dinheiro. Entretanto, todos utilizam nomes sociais. Dudu utiliza nome social masculino, usa testosterona, utiliza roupas masculinas e, portanto, é um homem.

No entanto, Dudu difere de alguns depoimentos de transexuais, ele não se percebe uma pessoa que nasceu em um corpo errado. O corpo é entendido como espaço moldável, logo, não se nasce, torna-se homem nas performances. E é na performance que ele é homem e não na genitália. Essa experiência de Dudu evidencia um deslocamento da relação genitália e gênero. Rompe-se com essa proposta perversa da heteronormatividade que espera que o sujeito se adeque a norma, ou seja, se você é mulher tenha uma vagina e se você é homem tenha um pênis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contra sexualidade<sup>4</sup> não é a produção de uma nova natureza para os corpos, mas uma destruição dessa natureza que patologiza os corpos em normais e anormais, segundo regras fundadas dentro de uma suposta verdade para os sujeitos em termos de desejo e de gênero, como ordem que legitima a sujeição de um corpo a outro. Portanto, a contra sexualidade é, em um primeiro momento, uma análise crítica da diferença de gênero e sexo como produtos sociais centrados na heterossexualidade cujas bases normativas são fundadas nos corpos como verdades biológicas/naturais<sup>5</sup>. E em um segundo momento, a contra sexualidade substitui a denominação natureza por um contrato contra sexual.

O marco desse manifesto contra sexual são os corpos se reconhecerem, os corpos falarem por si só. Não se reconhecem por meio das marcas de gênero, como homens, mulheres ou tantas outras enumerações/determinações forjadas ao longo da história mediante o masculino, o feminino, o perverso. Por continuação, é uma renúncia não somente a identidade sexual fechada/encerrada e determinada por vias ditas naturais, mas também uma renúncia a todos os efeitos sociais, econômicos, jurídicos que essas práticas naturalizantes podem obter.

A ideia de contra sexualidade não é um pensamento utópico, à vista de que é fundamentado por práticas que estão acontecendo cotidianamente. Não há a pretensão de inversão de papéis. Não é uma luta por dominação. É a visibilidades de práticas ainda prescritas como abjetas. Portanto, é a existência de tais práticas que fazem a contra sexualidade existir enquanto fissura na ordem, na estrutura social de dominação heterossexual, na dominação da estrutura binária de gênero. É um reino dos corpos. De exibição das práticas corporais. São os homossexuais, bissexuais, travestis, *drag queens*, transexuais, transgêneros, intersexos, assexuados, inclusive muitos heterossexuais e tantas outras nomenclaturas as quais ainda estão porvir dentro dessa estrutura, que por hora age como eixo que rompe com as proposições de realidade normal. É nesse campo que a contra sexualidade existe, através das práticas de sujeitos disparatados à ordem.

---

<sup>4</sup> Termo utilizado pela filósofa Beatriz Preciado no livro **Manifesto contra-sexual**: Prácticas subversivas de identidad sexual.

<sup>5</sup>Sobre concepção de sexo e gênero serem a mesma coisa ver: BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**/Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. –Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 4 ed. – Rio de Janeiro: DP & a, 2000.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, v. 8 n. 2, p. 9 - 41, 2000.

PRECIADO, Beatriz. **Texto Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.